



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

**CAMINHOS POSSÍVEIS PARA PENSAR A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA RELIGIOSA E OTIMISMO NAS REDES SOCIAIS A PARTIR DE BERGSON, HALBWACHS E PÊCHEUX**

Aline de Caldas Costa dos Santos<sup>‡</sup>  
(UESB)

Auterives Maciel Junior<sup>§</sup>  
(UESB)

Edvania Gomes da Silva<sup>\*\*</sup>  
(UESB)

**RESUMO**

Esse estudo objetiva compreender o reaparecimento da memória discursiva religiosa em narrativas de otimismo compartilhadas em redes sociais. O estudo é multidisciplinar e foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica. Como resultado apresenta uma tentativa de junção de referentes teóricos trabalhados por Henri Bergson, Maurice Halbwachs e Michel Pêcheux, estabelecendo uma ponte entre os mesmos como meio para conceber a incidência tácita da memória religiosa em outras narrativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória religiosa, otimismo, redes sociais

*“As coisas mudam de nome, mas continuam sendo religiões”*

Engenheiros do Hawaii

---

<sup>‡</sup>Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso (GEPADIS/UESB) E-mail: [alinedecaldas@gmail.com](mailto:alinedecaldas@gmail.com)

<sup>§</sup>Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Mestrado e Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida e leciona também na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>\*\*</sup>Orientadora. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: [edvaniagsilva@gmail.com](mailto:edvaniagsilva@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

O afirmativo presente na epígrafe que abre esse trabalho é tomado como mote para o estudo apresentado nas próximas páginas. Embora aqui ela seja uma suspeita inicial, o que se pondera é a existência de uma manutenção da memória religiosa em distintos âmbitos da vida cotidiana.

O presente trabalho se constitui em um esforço para verificar a viabilidade de compreender a emergência de um quadro de memória específico, a memória do discurso religioso, em narrativas outras, aqui identificadas como de otimismo, presentes nas redes sociais.

A pesquisa é multidisciplinar, de cunho bibliográfico. Reúne elementos das Teorias da Memória e da Análise do Discurso de linha francesa, se propondo a relacionar os aportes teóricos de Henri Bergson (2005; 2006), Maurice Halbwachs (2003; 2004) e Michel Pécheux (1997; 2006) quanto à memória religiosa, à memória coletiva e aos efeitos de sentido, respectivamente.

O trabalho apresenta resultados parciais do projeto de doutorado cujo título é Memória, otimismo e discurso religioso nas redes sociais em tempos de ética pós-moderna, desenvolvido no âmbito da linha de pesquisa “Discurso religioso em diferentes narrativas”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em Vitória da Conquista.

## DO OBJETO

O fenômeno das interações virtuais não é novo, nem desprovido de estudos que justifiquem a Cibercultura como área multidisciplinar de atenção acadêmica. O que se destaca, todavia, é que acontecimentos aparentemente simples ou óbvios podem conter nuances que apontam para diversas leituras, algumas ainda pouco observadas pelos estudos multidisciplinares contemporâneos, como ocorre com as manifestações tácitas da memória religiosa em formações discursivas de outras naturezas.



Nesse estudo, toma-se como objeto os distintos aportes teóricos indicados acima para, em diálogo, viabilizar uma leitura das narrativas elaboradas, tanto textuais como imageticamente, por comunidades ou perfis impessoais em redes sociais com o objetivo de difundir mensagens de otimismo, na forma de compartilhamentos ou “likes” de seus seguidores.

Por otimismo, se adota a ideia central da reflexão realizada por Artur Schopenhauer na obra *Aforismos para a sabedoria de vida* (2006). O filósofo se ampara nas reflexões de Aristóteles acerca das três dimensões do homem, a saber: o ter, o aparentar e o ser. A dimensão do ter se constitui em todo o patrimônio material amealhado ou em expectativas de ser reunido. Já a dimensão do aparentar contém uma ideia de *ethos*, da imagem que o sujeito consegue emitir de si na forma de *status*, honra ou conquistas. Ambas as dimensões citadas são, aos olhos de Schopenhauer, enganosas quando se pretende alcançar a felicidade. Elas apenas causam, momentaneamente, a ilusão de bem-estar quando, em verdade, somente manifestam “pobreza e vacuidade mentais” (2006, p. 5). Para ser verdadeiramente feliz, seria importante investir na dimensão do ser, alimentando aos valores morais, ao conhecimento intelectual e tudo o mais que não se perde ante dos acontecimentos da vida, mas que permanecem com o sujeito ao longo de toda a sua existência. Schopenhauer acrescenta à dimensão do ser a crença na ação dos deuses quanto ao futuro, recomendando a tranquilidade no presente.

Ao lançar sobre as narrativas de otimismo um olhar mais atento, percebe-se que podem conter manifestações de sentido religioso de forma subentendida ou não explicitamente colocada, mas que permitem materializar a ênfase sobre os bens espirituais, a confiança em tempos melhores - também chamada de fé -, a riqueza que não se encontra no plano material etc.

É sobre esse processo de abertura a diferentes leituras ou funcionamento de múltiplos sentidos que a proposta desse estudo se debruça, tentando compor um arcabouço teórico que permita compreender como uma memória coletiva religiosa pode ser alimentada nas redes por meio do otimismo.



## DA MEMÓRIA

O repertório das teorias da memória é amplo e, em um olhar cronológico, remonta à Antiguidade Grega, com os diálogos registrados por Platão. Todavia, há que se destacar o importante papel de Henri Bergson, já no século XIX, para pensar a memória e, em especial, a relação entre a matéria, a memória e a criação.

Em *Matéria e memória*, Henri Bergson apresenta um constructo acerca da relação entre corpo e espírito. O corpo, âmbito da matéria, integra um conjunto de imagens que formam o mundo material. Com isso, Bergson parte da premissa de que as imagens são, também, realidade material. As imagens exteriores e o corpo se influenciam mutuamente por meio de movimentos: as imagens transmitem movimento e o corpo o restitui às imagens, modificando-as, pois este escolhe como devolve o movimento ao mundo material. Esse movimento se dá no tempo, que Bergson chama de “duração”, um tempo contínuo, que segue em fluxo, em movimento, como um devir.

Bergson se interessa pelo movimento e pelas diferenças. As diferenças não são observadas entre uma coisa e outra, mas nas coisas em si, considerando o intervalo entre a recepção e a resposta ao estímulo das imagens sobre o corpo. Nesse intervalo, à medida que se estende o tempo, alarga-se o espaço da percepção, que, para Bergson, está sempre “impregnada de lembranças” (2006, p. 30). Isto porque, qualquer que seja o tempo de uma percepção, ela envolverá sempre alguma duração, recorrendo à memória, que distingue os momentos.

Mesmo a ‘subjetividade’ das qualidades sensíveis, como procuraremos mostrar, consiste, sobretudo em uma espécie de contração do real, operada por nossa memória. Em suma, a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas (BERGSON, 2006, p. 31).

A percepção do presente seria, em verdade, a parte mais contraída do passado na memória. Visto que o presente é sempre um devir, o mesmo é, portanto, muito pouco



atingido pela percepção. Para Bergson, a memória opera de duas maneiras. Aquela que ele chama de “lembrança-hábito” se firma pela repetição das “ações” de funcionamento quase que automático no cotidiano. Já a “imagem-lembrança” comparece enquanto um esforço voluntário de busca no passado por uma “representação” do mesmo. Para explicá-las, ele faz uma analogia com o estudo de uma lição: quando se repete uma leitura, trata-se de uma ação motora que fixará o conteúdo na memória, como se fixa qualquer hábito; porém, quando se busca lembrar uma lição aprendida, o sujeito, voluntariamente, a recria em forma de imagem, nesse processo, faz uso da imaginação para atualizar essa lembrança que permanecia em estado virtual.

A lembrança de determinada leitura é uma representação, e não mais que uma representação; diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel-prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma só vez, como num quadro. Ao contrário, a lembrança da lição aprendida, mesmo quando me limito a repetir essa lição anteriormente, exige um tempo bem determinado, o mesmo que é necessário para desenvolver um a um, ainda que em imaginação, todos os movimentos de articulação requeridos: portanto não se trata mais de uma representação, trata-se de uma ação (BERGSON, 2006, p. 87).

A essa ação possível do corpo sobre a matéria, ou seja, de uma “imagem determinada” sobre um “conjunto de imagens” (p. 17), Bergson chama percepção. Perceber é, assim, uma ação do corpo.

Mas nossa lembrança continua em estado virtual; dispomo-nos assim apenas a recebê-la adotando a atitude apropriada. Pouco a pouco aparece como que uma nebulosidade que se condensasse; de virtual ela (lembrança) passa ao estado atual; e, à medida que seus contornos se desenham e sua superfície se colore, ela tende a imitar a percepção (BERGSON, 2006, p. 156).

Quando invoca uma lembrança, o sujeito exerce, pela vontade, um esforço, buscando-a no virtual e a atualizando na forma de imagem. Nesse processo, considerando a metáfora do cone invertido apresentada por Bergson na obra em questão, há uma espécie de salto do vértice do cone (S) - que representa a percepção do

presente e toda a pressão exercida sobre ele para manter operante a “atenção à vida”, as atividades úteis à vida prática do sujeito – em direção a “*estados possíveis de memória*” (p. 197) que ocupam o corpo do cone até sua base, ou seja, de A'B' até AB, ponto onde se encontra a “vida do sonho”.

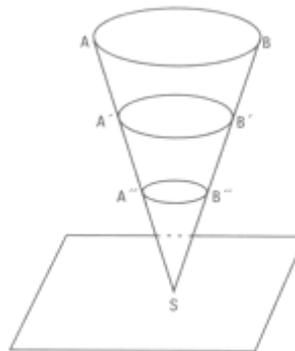


Figura 01

Isso permite a Bergson afirmar que “a memória, portanto, tem seus graus sucessivos e distintos de tensão ou de vitalidade” (199). Sobre eles, Bergson afirma:

Estes são, dizíamos, outras tantas repetições de nossa vida passada inteira. Mas cada um desses cortes é mais ou menos amplo, conforme se aproxime mais da base ou do vértice; além disso, cada uma dessas representações completas de nosso passado só traz à luz da consciência aquilo que pode se enquadrar no estado sensório-motor, consequentemente aquilo que se assemelha à percepção presente do ponto de vista da ação a cumprir (BERGSON, 2006, p. 197).

Nessa perspectiva de possibilidades de interação com o presente – a da face de “atenção à vida” ou a da elasticidade onde se encontram memória, afeto e imaginação, Bergson lança as bases para encontrar o papel da subjetividade. “Elas [as lembranças] adquirem uma forma mais banal quando a memória se contrai, mais pessoal quando se dilata, e deste modo participam de uma quantidade ilimitada de ‘sistematizações’ diferentes” (BERGSON, 2006, p. 198). O tempo empregado na elaboração da resposta ao estímulo de uma dada imagem material, se curto, incitará o sujeito a lançar mão do



hábito; se prolongado, esse tempo poderá permitir saltos em diferentes lençóis de memória, inserindo em sua resposta características subjetivas, o que pode ser entendido como maior uso da liberdade pessoal.

A respeito do hábito, na obra *As duas fontes da moral e da religião* (2005), Bergson estabelece uma relação com o paradigma funcionalista: o hábito é produtivo para manter a ordem social, em semelhança à ordem das coisas da natureza. Quanto mais enraizado em uma sociedade, maior a eficácia do hábito no sentido de manter “a unidade de um organismo de células anastomosadas” (2005, p. 27). O hábito conduz as “vontades” da sociedade assim como a “necessidade” conduz o funcionamento da natureza; ele responderia às necessidades da comunidade à medida que se fixa fortemente no meio social. Cada infração corresponderia a um caráter “antinatural”.

Em analogia ao hábito, Bergson refere a religião como mecanismo para sustentar e reforçar as exigências da sociedade: “A religião vem pois completar aos nossos olhos a redução do intervalo, já atenuado pelos hábitos do senso comum, entre um mandamento da sociedade e uma lei da natureza” (2005, p. 26). Esse papel da religião estaria para a “atenção à vida”, de modo a poupar os indivíduos da análise de cada decisão e assim tornar a sociedade mais produtiva.

Bergson, todavia, se opõe a essa moral da obrigação, guiada pelo dever, e à religião estática que nos separa da natureza hostil. Suas ponderações se voltam para uma sociedade criadora de valores e uma religião dinâmica, também criativa, quando do uso mais alargado do intervalo para a atualização de imagens, fazendo maior uso da subjetividade.

A proposição teórica de Bergson é muito mais vasta do que o exposto aqui, todavia, para o objetivo colocado, conhecer o funcionamento da memória individual, a perspectiva do intervalo e das muitas camadas de memória a que se pode vir a ser direcionado por um estímulo ou vontade parece ser o essencial.



## DA MEMÓRIA COLETIVA

Halbwachs foi seguidor de Emile Durkheim, bem como foi aluno de Henri Bergson, embora tenha apresentado críticas à teoria deste último, após sua morte, em relação à memória.

Em seu livro *Os marcos sociais de memória* (2004), o autor apresenta uma elaboração teórica acerca da memória em semelhança ao conceito durkheimiano de “fato social”, pois a envolvem critérios da exterioridade, da anterioridade e do efeito coercitivo. Os marcos sociais de memória são “exteriores”, ou seja, funcionam de maneira autônoma, de modo que, ao nascermos, já nos deparamos com eles, portanto, são “anteriores” a nós, exercendo sobre os coletivos um tipo de “coerção”, apontando para certo comportamento ou visão de mundo como adequada ao bom funcionamento da sociedade. Eles sempre apresentam uma ação coletiva, pois afetam a um e a todos em dado grupo social.

Em contraposição a Bergson, Halbwachs prefere trabalhar com uma memória coletiva:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Para ele, nem mesmo nos sonhos a memória poderia se manifestar de modo individual, pois, até nessas manifestações do inconsciente, existe o enquadramento da linguagem, que é um “fato social”, portanto, de natureza e ação coletiva. Halbwachs considera que, quanto maior for a coesão de um grupo, mais forte será a memória coletiva.

Para o autor, somente “do ponto de vista das consciências coletivas” permanecemos “em um tempo real” (2003, p. 133). Se, contudo, um membro se afasta ou



o grupo se desintegra, aquela memória se fragilizará, podendo cair no esquecimento. Mas vestígios daquela memória poderão ser encontrados em novos grupos, formados por pessoas da mesma família ou que se dedicam a uma mesma profissão, rotina, religião etc. Esta última, que interessa diretamente a esse estudo, compõe um dos exemplos citados por Halbwachs acerca da reparação de traços da memória coletiva de grupos predecessores. Embora a modernidade tenha propagado um modo de vida laico,

Encontramos nos nomes dos dias da semana e dos meses muitos vestígios de crenças e tradições desaparecidas, por isso sempre datamos os anos a partir do nascimento de Cristo, por isso as velhas ideias religiosas sobre as virtudes do número 12 estão na origem da atual divisão do dia em horas, minutos e segundos (2003, p. 136).

O tempo da religião traz o passado para o presente, é o tempo do ontem. Trata-se de um “tempo coletivo” (2003, p. 124) ou uma representação coletiva do tempo. Encontra-se bastante consonância entre esse olhar e a perspectiva funcionalista que estabelece que a divisão social do trabalho incide também sobre uma divisão do tempo na forma de hábitos, costumes, convenções coletivas.

O que se poderia chamar de memória individual seriam apenas os “pontos de vista” sobre a memória coletiva. Os estudos de Halbwachs se debruçam sobre três instâncias sociais para ilustrar essa perspectiva teórica: a família, a religião e as classes sociais.

A respeito da memória coletiva religiosa, ele destaca que é a única que se propõe como permanente e imutável. Tomando traços do Cristianismo como a maior parte do seu *corpus*, ele mostra que os esforços mobilizados para esse intuito são de demarcações de ritos e celebrações que rememoram os fatos importantes da vida de Jesus, com ênfase sobre seus ensinamentos. A realização desses ritos materiais em datas determinadas faz atualizar a memória que se deseja fazer permanente, que deve ser lembrada pelo grupo.

Todavia, a despeito dessa pretensão de estar “fora do tempo” e, assim, fora da sujeição às mudanças que este implica, essa memória sofre atualizações. Halbwachs explica que, à medida que o grupo cristão se dispersou em várias comunidades locais e se ampliou com a conversão de outros grupos, foi necessário “reacomodar” (2004, p.



257) uma parte dos costumes que eles conservaram de outrora e tecer relações com suas referências para explicar a eles a perspectiva cristã. Com isso, uma parcela dos preceitos cristãos caiu em esquecimento e foi necessário convencionar uma forma específica de interpretá-los, fazendo surgir o “dogma”.

O dogma é o resultado da superposição e da fusão de uma série de capas sucessivas assim como de outros ramos do pensamento coletivo: é racional, mas nesse sentido de que a razão de cada época deixou seus traços sobre ele; o pensamento teológico projeta assim no passado, nas origens dos ritos e dos textos, os olhares que sucessivamente tem tido sobre ele. O pensamento teológico reconstrói em vários planos o passado que tenta integrar, o edifício das verdades religiosas, como se houvesse trabalhado em um único plano, o mesmo que concede aos fundadores do culto e aos autores dos escritos fundamentais (2003, p. 257-258, tradução nossa).

Halbwachs chega a afirmar que o “sentimento religioso”, proveniente da relação com o Cristo e seus ensinamentos, é substituído por um sistema de representações firmado pela autoridade da igreja. Assim, muitas das interpretações das escrituras sagradas são resultados de acordos que estabelecem dogmas ou leituras adequadas para os pontos de tensão; alguns são novamente alterados em reuniões posteriores das classes superiores de sua hierarquia. São, portanto, passíveis à ação do tempo.

O que permanece na memória coletiva religiosa, a partir dessa compreensão, é uma tradição dogmática, embora a igreja prefira afirmar que, antes de estabelecer o dogma, não percebia todas as dimensões do conteúdo da revelação original em lugar de admitir que sua memória não é imutável e permanente. Isso implica em reconhecer que a memória religiosa sofre a mesma dinâmica das demais memórias coletivas, conservando um passado, reconstruindo suas referências com a ajuda de materiais e tradições várias.

Halbwachs coopera para com esse estudo ao colocar o funcionamento coletivo de uma memória religiosa, sinalizando o “disparo” da lembrança sempre por parte do outro, ou seja, de uma memória que é social, o que se verifica no caso das redes sociais.



## DOS EFEITOS DE SENTIDO

Uma vez que o estudo, embora possua natureza multidisciplinar, se ampara na Análise do Discurso de linha francesa (AD), o interesse inicial sobre as narrativas de otimismo recai sobre os efeitos de sentido que produzem. O que se toma em conta nesse estudo é que a memória do discurso religioso, seja na perspectiva individual ou coletiva, pode se fazer visível em outras narrativas por meio de um “deslizamento de sentido” ou do “encaixe”.

Segundo Michel Pêcheux (1997b), fundador da Análise do Discurso, a AD se constitui com base na relação entre três lugares teóricos: estudos linguísticos (Saussure), estudos da ideologia (Marx) e estudos do inconsciente (Lacan).

Em relação à linguística, Pêcheux compreende a língua como uma base relativamente autônoma a partir da qual os diferentes sujeitos, entendidos como lugares na estrutura social, estabelecerão vários processos discursivos. Isso quer dizer que a língua, embora se apresente como uma estrutura estável, logicamente organizada, permite, às vezes em uma só formulação linguística, o funcionamento de vários discursos distintos, inclusive aqueles que emergem de especificidades culturais. O sentido não poderia estar “inteiro” na língua, pois esta funciona como uma “estrutura”, um ponto de partida para a construção dos efeitos de sentidos em diferentes discursos. Desse modo, a língua é aberta a deslocamentos, reorganizações e transgressões.

Dos estudos marxistas, o autor coloca, com respaldo dos estudos de Louis Althusser, as relações de assujeitamento estabelecidas por meio da ideologia. Essa ideologia não é geral, abstrata, mas materializada nos “Aparelhos Ideológicos do Estado”, ou seja, “um certo número de realidades que se apresenta ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1985, p. 43). Como exemplos, o autor cita o AIE religioso, o escolar, o familiar, o jurídico, político, o sindical, o da informação e o cultural (Letras, Belas Artes, desportos, etc.). Um indivíduo qualquer, situado em dada formação social (FS), está submetido à presença dos diversos AIEs, que operam no âmbito das formações ideológicas (FI), lançando mão



de formações discursivas (FDs). Os sentidos, de acordo com Pêcheux, se materializam nos AIEs, onde ocorrem as lutas de classes.

A ideologia dissimula sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo “evidências subjetivas” que vão constituir os sujeitos. Daí, a crítica de Pêcheux ao óbvio, pois este não passa de uma ilusão subjetiva, já que o efeito de obviedade é fruto das relações ideológicas que se estabelecem na sociedade.

Dentre as contribuições dos estudos lacanianos sobre o inconsciente, Pêcheux destaca a existência do equívoco e das falhas a que a língua está sujeita. O “real” da língua não é tecido de forma lógica, mas, ao contrário, é entrecortado por falhas advindas do inconsciente que podem, por sua vez, fazer surgir novos sentidos, novas possibilidades interpretativas.

Admitindo a possibilidade da falha, compreende-se que o sentido está exposto às irrupções do inesperado sobre uso o corrente, do “acontecimento” sobre a “estrutura”. Essa informação é bastante útil para compreender o que Pêcheux conceitua como “efeito metafórico”. Para o pesquisador francês, quando ocorre, em determinada formulação linguística, um ponto de deriva a partir do qual um novo sentido pode se manifestar dá-se então um deslizamento do sentido de “x” para “y”. Nesse caso, mesmo reconhecendo que a língua, para Pêcheux, é uma estrutura, é possível ver emergir um acontecimento, uma irrupção do novo sobre uma memória (2006). O efeito metafórico serve, entre outras coisas, “para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” (PÊCHEUX, 1993, p. 96). O efeito metafórico é muito comum em textos publicitários ou de humor, quando se observa que, partindo de um dado sentido, a formulação suscita outro sentido que também integra o repertório de significação dos termos empregados.

Outra noção pecheutiana importante para compreender como o processo pelo qual uma memória distinta pode aparecer em dada formulação linguística é o efeito de “pré-construído” ou encaixe. Esse termo é utilizado para “designar o que remete a uma construção anterior e exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (1997, p. 99). Trata-se, ainda segundo Pêcheux (1997a, p.



100), da relação de discrepância entre domínios de pensamentos diferentes: um anterior, já pensado antes, desde sempre, e um realizado na situação de enunciação.

É nesse sentido que se pretende alcançar o funcionamento da memória religiosa em meio a uma formulação linguística que carrega consigo outro sentido inicial, quer dizer, quando há dois sentidos em funcionamento ao mesmo tempo, identificado seja na forma de um deslizamento de sentido, seja na forma de um encaixe.

### **DAS PONTES POSSÍVEIS**

Apresentados os materiais do *corpus* teórico, pode-se iniciar a tentativa de diálogo entre Bergson, Halbwachs e Pêcheux para compreender como a memória religiosa pode se manifestar em narrativas outras.

Se, para Bergson, a memória é individual e realiza a atualização das imagens em meio a lembranças e percepções do presente, pode-se considerar que o contato com as narrativas em estudo se constitui em um estímulo externo face ao qual o sujeito, para elaborar sua resposta, poderá recorrer ao hábito ou a diferentes lençóis de memória onde residem fontes da sua subjetividade. O sentido religioso poderá se manifestar, segundo Bergson, quando o intervalo for curto; quando, em “atenção à vida”, o sujeito recorrer ao hábito ou quando, voluntariamente, o mesmo optar por um salto rumo a um estado de memória onde residem suas lembranças religiosas em estado virtual.

Mas, para Halbwachs, a memória sempre será ativada pelo outro, manifestando-se de forma coletiva. O sentido religioso se manifesta explícita ou implicitamente quando o outro me coloca diante das lembranças de que compartilhamos em algum momento. Pode-se tomar como um dado da influência do outro no ato de lembrar a amplitude de compartilhamentos, “curtidas” ou de partícipes da comunidade virtual para reforçar a leitura de que existe uma memória viva nesse meio social, visto que o grupo é o que interessa a Halbwachs.

E Pêcheux, por sua vez, apresenta a maneira pela qual a subjetividade pode ser alcançada por meio dos discursos: aquilo que “está sempre ali” constitui uma memória discursiva que é ideologicamente construída, do mesmo modo que, diante de uma dada



formulação linguística, o sujeito desliza de um sentido “óbvio” ou imediato para outro, religioso, que também integra o repertório semântico dos termos empregados. Pêcheux também mostra que, ainda que os vocábulos estejam imersos em uma tradição de sentidos, outras leituras são factíveis quando ocorre falha inconsciente no momento da recepção: o “acontecimento” da aparição de outro sentido, inclusive o religioso, é sempre uma possibilidade.

As narrativas de otimismo observadas até o presente, ao partir de uma elaboração voltada para a valorização do âmbito do ser, secundarizando o ter e o aparentar, acabam por desvelar uma memória discursiva cristã que preconiza a importância de amar ao próximo antes do cuidado de si, que aconselha a tratar apenas das dores do dia, confiando o futuro à providência divina, condenando, até, a atenção exclusiva sobre as questões materiais, apenas acumuláveis neste plano material.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. Trad. de Valter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BERGSON, H. **As duas fontes da moral e da religião**. Trad.: Miguel Serras Pereira. Rio de Janeiro: Almedina, 2005
- \_\_\_\_\_. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad.: Paulo Neves. Martins Fontes: São Paulo, 2006
- HALBWACCS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Traducción: Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidade Central de Venezuela, 2004, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 61-161.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni P. Orlandi (et. al.). 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.
- \_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para a sabedoria de vida**. 2ª ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2006.